

SOUZA, Mayra Montenegro de. **Violetas: Escrita de Si e HerStory**. Natal: UFRN. Professora de Voz da Licenciatura em Teatro da UFRN. UDESC; Doutorado em Teatro; Orientadora: Daiane Dordete Steckert Jacobs. Atriz, cantora, fundadora da Cia. Violetas de Teatro.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões acerca do processo de criação do espetáculo “Violetas” como uma “escrita de si” (RAGO, 2013). De forma autobiográfica, através das memórias que me ligam à minha avó materna, o processo criativo proporciona um (re)encontro comigo mesma, (re)escrevendo minha própria *Herstory* (MORGAN, 1970). O espetáculo é compreendido como um discurso artístico-político feminista, que questiona o papel social atribuído ao gênero feminino, denuncia a opressão patriarcal e propõe a retomada da autoria de nossas vidas, como protagonistas e não mais como vítimas ou em lugares de subalternidade.

Palavras-Chave: Processo de Criação. Autobiografia. Escrita de Si. *Herstory*. Feminismos.

ABSTRACT

The present work aims to present reflections about the creation process of the theater play “Violetas” as a “self writing” (RAGO, 2013). In an autobiographical way, through the memories that connect me to my maternal grandmother, the creative process provides a (re)encounter with myself, (re)writing my own *Herstory* (MORGAN, 1970). The play is understood as a feminist artistic-political discourse, which questions the social role of the female gender, denounces patriarchal oppression and proposes the resumption of authorship of our lives, as protagonists and no longer as victims or in places of subordination.

Key-Words: Creation Process. Autobiography. Self Writing. *Herstory*. Feminisms.

Minha pesquisa de doutorado pela Universidade do Estado de Santa Catarina teve início no segundo semestre deste fatídico ano de 2020. Possivelmente uma das poucas alegrias que tive esse ano. A aprovação nesse doutorado vem como uma injeção de ânimo e esperança, pois desejo tratar de um rico processo de criação vivenciado entre os anos de 2014 e 2016. O espetáculo em questão recebeu o título de “Violetas” e foi construído em homenagem à minha avó materna, que tinha o sonho de ter sido artista, mas nunca pôde realizá-lo.

Dona Wilma Pinheiro de Lima foi uma mulher singular. Tinha porte de rainha. Sempre de cabeça erguida e olhar firme, mas sereno. “Olhar de quem conhece todos os segredos da vida. Da importância da rota incansável das formigas, mas também do delírio das cigarras” (SOUZA, 2016). Sua voz foi uma das primeiras e mais importantes vozes de minha vida, junto com a voz de minha mãe, Eleonora. Seus cantos, suas histórias, a declamação de poesias que ouvia diariamente foram a minha formação primeira. Aprendi a forma de cantar como as cantoras de rádio, com impositação, portamento, vibrato, pronunciando bem os erres, eles e esses, e me expressando de maneira bastante dramática. Sua afinação era digna das maiores intérpretes.

Vovó Wilma me chamava de “Tuiuiu”. Me ensinava canções: “Ai ioiô, eu nasci pra sofrer” ... ou “uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta”. Contava histórias, declamava poesias, encenava trechos de filmes como “A Noviça Rebelde”, “Casablanca”, “E o Vento Levou”. Minha avó e minha mãe me ensinaram os mistérios dos sons, dos tons, da poesia, das histórias, da palavra bem dita e bendita. Palavra-reza, palavra-bênção. Minha avó não permitia palavrão dentro de casa, palavra mal dita ou maldita. Cantar, contar, declamar, bendizer, faziam parte do nosso cotidiano como comer, beber, dormir. Faziam parte da vida como uma necessidade da alma.

Vovó Wilma “não viveu meramente por viver. Esteve presente a cada segundo dos seus dias, com uma constante precisão de se fazer útil, de se fazer inteira, da nunca ausência” (Idem). Tudo o que fazia era perfeito com suas mãos de fada: suas comidas, seus bordados, pinturas, crochês, tricôs. As pessoas costumavam dizer a seu respeito: “Dona Wilma só não faz chover!” Mas nunca revelava o que sua alma realmente desejava. Guardou seus sonhos e suas vontades, sempre colocando a necessidade de todos antes da sua.

Ela faleceu no início do ano de 1995 com apenas sessenta e dois anos de idade. Eu tinha quatorze anos. Após o enterro, lembro de ter ficado em meu quarto, olhando para o teto com adesivos de estrelas que brilham no escuro. O dia estava nublado, choveu algumas vezes. Lembro de ter pensado que o sol não poderia mesmo ter aparecido tão brilhante num dia como aquele. Lembro também de ter escondido a tristeza muito bem escondida, para não doer tanto.

Os anos se passaram, mas lembrava de vovó Wilma todos os dias. Em 2013, ano em que ela completaria oitenta anos, eu tive uma espécie de epifania e decidi que faria um espetáculo em sua homenagem. Isso aconteceu no Departamento de Artes da UFRN, quando a atriz/pesquisadora Raquel Scotti Hirson e o ator/pesquisador Jesser de Souza, do Lume Teatro¹ realizaram uma demonstração de trabalho para discentes do curso de Teatro. Raquel mostrou um trecho do processo de criação do seu espetáculo solo intitulado “Alphonsus”, uma homenagem ao seu bisavô, o poeta simbolista mineiro Alphonsus de Guimaraens. A citação abaixo é um relato que fiz sobre esse momento no artigo “A Voz em Violetas” para a Revista do Lume (2017):

Raquel mostrou um trecho do processo de criação do espetáculo, a cena em que seu corpo era a casa de seu bisavô, que foi demolida em 1975. Ela só nos explicou isso após a demonstração, mas eu conseguia ver “algo” ruindo dentro dela em suas ações, mesmo que fossem sutis, pequenas. Seu corpo, para mim, parecia sofrer, adoecer, até apodrecer e cair, morto. As lágrimas escorriam dos meus olhos sem que eu fizesse esforço algum e, de repente, sem conexão aparente, um enorme desejo/pensamento ocorreu-me: “farei um espetáculo em homenagem à minha avó!” Depois, refletindo sobre isso, dei-me conta de que a cena havia trazido à minha memória, mesmo que um tanto inconsciente, o sofrimento e a morte dessa avó (SOUZA, 2017, p. 44).

Eu desejava que, de alguma forma, ela estivesse em cena e realizasse o seu sonho. Desejava tirá-la do silêncio das memórias e apresentá-la ao mundo. Fui ao Lume Teatro no ano seguinte fazer o curso de Mimesis Corpórea com Raquel. Durante o curso, precisava acessar as memórias que me ligavam à minha avó, mas as lembranças estavam um tanto nubladas.

¹ Lume Teatro – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da UNICAMP. Fundado em 1985 por Luís Otávio Burnier, o Lume é formado por sete atores/atrizes-pesquisadores(as) e se tornou uma referência mundial na pesquisa da arte da atuação.

A Mimesis é uma das linhas de estudo dentro do Lume para o desenvolvimento de matrizes físicas e vocais através da observação². Ao vivenciá-la, percebi que essa metodologia ampliava a minha percepção em vários sentidos: ampliava o olhar, a escuta, a sensibilidade de forma geral e auxiliava também a descortinar o véu que dá acesso às memórias escondidas. Passei a observar melhor minhas lembranças no corpo, na sala de trabalho. Eu tinha medo de estar esquecendo tudo o que joguei para o fundo da memória, para não sofrer. Mas percebo, porém, que o que eu lembro não são os fatos, não foi o que realmente aconteceu, mas o que eu enxerguei e enxergo em vovó, com as verdades que me construíram.

A escritora Eliane Brum (2014) diz que “o passado só existe a partir de um narrador no presente que é tanto um decifrador quanto um criador de sentidos” (p. 89). E as escritoras Cristina Balieiro e Beatriz Del Pichia (2010) dizem que a verdade é altamente subjetiva, “nós os vemos [os acontecimentos] de nossa maneira única, e a história que contamos tem muito de nós” (p. 18). Elas acreditam que é importante compartilhar histórias de vida porque elas são entidades vivas que podem nos ajudar a viver.

Ao final do curso, encantada com todas as possibilidades que podem vir a partir da metodologia da Mimesis, convidei Raquel para dirigir esse espetáculo. O seu olhar seria importante também porque era alguém de fora, que não conheceu dona Wilma. No início pensei que seria simples, fácil, rápido e que seria só alegria, mas quase me perco num profundo labirinto. Mergulhar na história da minha avó foi mergulhar na minha história. Olhar para as suas dores foi olhar para as minhas dores. Ao contar a história dessa mulher, eu estaria contando a história de muitas outras mulheres, avós, mães, filhas e netas. Era o meu quintal, mas poderia ser o quintal de muita gente. Era uma história pessoal, mas era também política, social, cultural. Só que, no início, eu ainda não fazia ideia de tudo isso. Eu comecei a gerar esse espetáculo para me ajudar a viver. E para ajudar minha avó a reviver.

² “Ela possibilita ao ator a busca de uma organicidade e de uma vida a partir de ações coletadas externamente, através da imitação de ações físicas e vocais de pessoas encontradas no cotidiano. Além das pessoas, ela também permite a imitação física de ações estancas como fotos e quadros, que podem ser, posteriormente, ligadas organicamente, transformando-se em matrizes complexas. Cabe ao ator a função de ‘dar’ vida a essa ação imitada, encontrando um equivalente orgânico e pessoal para a ação física/vocal” (FERRACINI, 2003, p. 202).

Eu morri um pouco quando ela partiu no ano de 1995, num dia de chuva fraquinha, mormaço e céu nublado. Não sabia o que sentir, quem ser, como ser depois desse dia. Também morri um pouco nos dois anos de processo criativo. Penso que a vida toda eu tentei seguir adiante, mas voltava à minha infância, voltava para minha avó. “Da infância, somos todos sobreviventes” (BRUM, 2014, p. 51).

Vovó queria ter feito medicina, mas seus pais a colocaram na Escola Doméstica de Natal³, que era até muito moderna para a época. Mas no diploma que ela recebeu dizia “dona de casa”. Sei que ela queria ter sido muito mais. Lembro de um show de Bibi Ferreira que vimos juntas. Ao final, o público fica de pé para os aplausos, mas ela não. Ela não aplaudiu. Sentada, disse olhando para Bibi: “Sou eu. Como posso me aplaudir?”.

Às vezes canto Ivan Lins para invocá-la: “Quero sua risada mais gostosa e esse seu jeito de achar que a vida pode ser maravilhosa”. Ela era muito “*Pollyanna*”⁴. Nunca a ouvi reclamar de nada e em tudo via o lado bom. Ela dizia: “Se não tiver nada agradável para dizer, não diga nada”. Era incapaz de ofender alguém. Mas não deixava de ser firme e de impor respeito. Às vezes quando penso nela me vem à mente a palavra “resignação”. Substantivo feminino que tem a ver com abdicação, renúncia, aceitação sem revolta. Nos últimos anos lembro que perdeu o brilho de seus olhos, lembro de sentir que ela guardou coisa demais dentro de si. Queria que ela soltasse essas pedras que carregou sozinha. Queria que ela gritasse, reclamasse, reivindicasse seu lugar, seus direitos, seus

³ A Escola Doméstica foi fundada em 1914 por Henrique Castriciano, nos moldes da educação doméstica que ele havia conhecido na Suíça. A escola atendia apenas mulheres e os saberes transmitidos às alunas eram baseados nos afazeres corriqueiros de uma dona de casa. Dessa forma, a mulher aprendia todas as matérias do currículo escolar colocando-os em prática com atividades como o “gerenciamento prudente do lar e o balanço mensal de seus gastos”. Era considerada inovadora para a época por ser de fundamentação laica, enquanto as demais instituições de ensino eram religiosas, e por preparar a mulher para o Magistério e o ingresso em Escolas de Ensino Superior. É sabido que Castriciano tinha grande admiração por Nísia Floresta, escritora e educadora feminista potiguar, pioneira na busca da emancipação da mulher através da educação. Hoje a escola faz parte do Complexo de Ensino Noilde Ramalho, compreendendo três Instituições de Ensino: Escola Doméstica de Natal, Complexo Educacional Henrique Castriciano e o Centro Universitário do Rio Grande do Norte. <https://noilderamalho.com.br/> - Acesso em Novembro de 2020.

⁴ “*Pollyanna*”, livro de Eleanor H. Porter publicado em 1913 e que se tornou um clássico da literatura infantojuvenil. A personagem principal se torna órfã aos onze anos e vai morar com uma tia severa. Em seu novo lar, ensina às pessoas o “jogo do contente” que aprendeu com seu pai. A brincadeira consiste em ver o lado bom de qualquer situação, por mais desagradável que seja.

sonhos, sua voz. Que desentalasse essa dor presa na garganta que lhe adoeceu. Talvez ela ainda estivesse aqui.

Foi então que percebi que aprendi a ser assim também e passo a compreender que sou eu quem preciso gritar, reclamar, desentalar as dores, tomar meu lugar, meus sonhos, minha voz. Muitas vezes fico remoendo as lembranças doloridas: será que aconteceu assim mesmo? Será que não estou exagerando? Será que a culpa foi minha? Faltam-me palavras, mas ao mesmo tempo sinto que o que falta é uma força social que me permita compartilhar. Que nos permita compartilhar.

Eu realmente me entendi mulher nesse momento. Mulher não no sentido biológico pré-determinado, mas como “uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes” (RAGO, 1998, p. 6). Depois de tantas décadas de movimentos e conquistas feministas no mundo e depois de tantos anos me considerando uma feminista, finalmente compreendo que muitas das dores que minha avó viveu, que minha mãe viveu e que eu vivi são fruto de um sistema social que estabelece uma inferioridade física e mental das mulheres, que perpetua uma cultura de opressão e violência contra nós. A professora Margareth Rago, falando sobre epistemologia feminista, gênero e história, afirma que:

Feministas assumidas ou não, as mulheres forçam a inclusão dos temas que falam de si, que contam sua própria história e de suas antepassadas e que permitem entender as origens de muitas crenças e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização. De certo modo, o passado já não nos dizia e precisava ser re-interrogado a partir de novos olhares e problematizações, através de outras categorias interpretativas, criadas fora da estrutura falocêntrica especular (Idem, p. 13).

Isso me levou a pensar que o espetáculo que eu estava construindo era, na verdade, feminista, e que eu precisava pensá-lo a partir dessa perspectiva emancipadora: “Por que criamos almas subalternas se podíamos criar almas livres?” (LUFT, 2013, p. 37).

Aqui é importante dizer que a compreensão que tenho de feminismos é que são mais do que movimentos organizados, mas são linguagens, como afirma

Rago (2013), “que se referem a práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas”, cuja finalidade é libertar as mulheres dessa cultura misógina e da imposição de um modo de ser. Libertar, enfim, as mulheres “da figura da Mulher, modelo universal constituído pelos discursos científicos e religiosos, desde o século XIX” (p. 28).

“Violetas”. O nome do salão em Barão Geraldo (Campinas, São Paulo) onde entrevistei a primeira mulher no ano de 2014. Uma paraibana como eu, que trabalhava no salão como manicure. Muito jovem, relatou-me dificuldades suas e de sua mãe, com relação à uma submissão forçada, negação de seus direitos e desejos e silenciamento de suas vozes por parte do seu pai e do seu ex-marido.

Saí dali com o coração aflito, refletindo sobre a condição das mulheres nessa sociedade. O nome do salão ficou também em minha cabeça. Lembrei de Violeta Parra, grande artista chilena; de Violeta Arraes, socióloga, psicanalista e ativista política cearense, “embaixadora” dos exilados em Paris durante a ditadura militar; de Violeta Formiga, psicóloga e poetisa paraibana assassinada pelo marido. Vivi, o apelido de minha avó. Violeta, a cor da transmutação, uma das cores do *chakra* coronário (no alto da cabeça), *chakra* da consciência e da espiritualidade. Somos todas violetas – eu pensei. E decidi que esse seria o nome do espetáculo.

Passei a entrevistar outras mulheres e a transformar esses encontros em cenas. Comecei a ler/ouvir/ver mulheres em livros, artigos, contos, imagens, lembranças: mulheres da Escola Doméstica de Natal; as cantoras de rádio, as atrizes dos filmes estrangeiros ou dos teatros brasileiros; minhas alunas, as colegas professoras, minha filha, minha mãe, minhas tias. Todas passaram a fazer parte, de alguma forma, desse processo de criação. Minha mãe se tornou assistente de direção do espetáculo, além de operar a sonoplastia e a iluminação.

“Violetas” se tornou mais do que um espetáculo para mim. Foi o processo que me permitiu encontrar meu lugar, meu ser/estar nesse mundo, meus sentidos para viver e para querer continuar nessa busca, encontrando novos sentidos a cada dia. Tudo começou quando eu quis reencontrar minhas primeiras vozes, as vozes de minha avó, de minha mãe. Elas me guiaram nesse labirinto, junto com a voz de Raquel, enquanto eu me perdia, me encontrava, me redescobria, me refazia e me reinventava.

Este é um espetáculo que se dá em um “espaço autobiográfico”, como formula Rago: “entendido a partir dos diferentes tipos de narrativas de si, entre memórias, depoimentos, entrevistas (...) que permitem cartografar a própria subjetividade” (RAGO, 2013, p. 33). “Violetas” é uma “escrita de si”, no entendimento de Rago, não como uma busca introspectiva de mim mesma, de caráter confessional, para reencontrar o que seria a “essência” escondida em minha alma, mas para assumir o controle de minha própria vida e tornar-me sujeita de mim mesma “pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela escrita de si” (Idem, p. 52).

Nesse mesmo sentido, essa “escrita de si” é também uma escrita de *herstory*. Considero importante explicar aqui o uso do neologismo criado por Robin Morgan (1970), escritora, poetisa, teórica e influente feminista norte-americana. Morgan substitui o pronome *his* (dele) da palavra *history* (história) e o substitui pelo pronome *her* (dela). Falando sobre este conceito, a professora Maria Brígida de Miranda afirma que Morgan propõe uma performance ao criar tal termo, para que a história seja escrita sob perspectivas femininas e feministas:

Entendo que Morgan estabelece uma ação discursiva para chamar nossa atenção sobre como a Historiografia não é neutra nem universal. Ela parte da ideia feminista de que as práticas culturais são construídas no sistema patriarcal e operam em uma rede discursiva que, se por um lado privilegiam o universo masculino, por outro, criam uma sensação de neutralidade e universalidade, na qual o gênero não existiria (MIRANDA, 2018, p. 233).

Dessa forma, “Violetas” é uma *herstory*, um discurso artístico-político. Realizado por mulheres sobre mulheres, procura dar visibilidade a *herstories* que, de outra maneira, não seriam conhecidas, questiona papéis sociais de gênero, denuncia o silenciamento e a opressão e propõe que passemos de vítimas a autoras de nós mesmas, não admitindo mais que nos sejam podados os sonhos.

O espetáculo estreou em 2016 e foi apresentado até o momento em dezessete cidades brasileiras, de oito estados, de quatro regiões do país, além de uma apresentação na Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena, Áustria. “Violetas” conseguiu atingir públicos dos mais distintos, como idosas e

crianças do sertão da Paraíba até estudantes e professores de diferentes países em Viena. As imagens construídas no espetáculo parecem despertar no público as suas próprias memórias, a lembrança das figuras femininas de sua vida, tanto as opressões e aprisionamentos vividos, como os afetos construídos e os sonhos guardados.

Muitas são as pessoas que me dizem após o espetáculo: “eu lembrei muito de minha avó” (mãe, tia, irmã mais velha); “eu quero trazer a minha avó para assistir” (ou outra mulher de importância em sua vida). Pessoas diversas me relatam os sonhos guardados das mulheres de suas famílias. Outras dizem que nunca pararam para pensar que talvez suas mães, avós, tias quisessem ser ou fazer algo diferente, e refletem então sobre as formas de aprisionamento dessas mulheres.

Considero que tais respostas se devem muito à forma como se deu o processo criativo. O mergulho nas memórias, os afetos e a Mímesis Corpórea foram estratégias riquíssimas de investigação, criação e até de formação de mim mesma. “Violetas” tem ainda inspirado projetos de mestrado e doutorado de ex-alunas e participantes do Projeto Voz Feminina⁵.

Por toda a *herstory* que contei até aqui, decidi escrever um projeto de pesquisa de doutorado para melhor compreender os caminhos vivenciados nesse processo. A minha hipótese é a de que os princípios e práticas utilizados na construção do espetáculo, bem como os questionamentos levantados por ele, podem ser inspiradores para muitas outras mulheres artistas, como já tem sido.

É o começo de um novo ciclo, com muitas *herstories* para contar e *herstories* ainda a viver. É apenas o início dessa pesquisa de doutorado, que dará continuidade a “escrita de si” iniciada no espetáculo. Mais uma mulher estará presente: a professora Daiane Dordete, minha orientadora. Mas outras também já fazem parte dessa jornada: as professoras Luciana Lyra e Maria Brígida de Miranda que ministram as primeiras disciplinas que curso esse semestre: Escrita Performativa e Introdução ao Teatro Feminista. Muitos aprendizados dessas disciplinas já estão presentes nesse artigo e seguirão ao

⁵ O Projeto Voz Feminina é coordenado pelas professoras Mayra Montenegro (UFRN) e Eleonora Montenegro (UFPB) e são destinados a discentes e pessoas da comunidade que se identifiquem com o gênero feminino. Desde 2017 vimos trabalhando como um laboratório contínuo de pesquisa e criação corpóreo-vocal a partir dos seguintes temas: Corpo Vocal, Feminino, Memória, Mímesis Corpórea e Mímesis da Palavra.

longo da escrita da tese. Penso que muitas outras mulheres ainda me acompanharão.

Ao longo da vida “carregamos muito peso inútil. Largamos no caminho objetos que poderiam ser preciosos e recolhemos inutilidades” (*Idem*, p. 31). No início do processo escrevi que queria costurar uma colcha de retalhos só com as melhores memórias. Mas isso não era possível. Foi preciso entrar em contato com as coisas rasgadas, cortadas, mal-acabadas, desalinhas. Nesse momento começo a não carregar mais bagagens inúteis e ir desatando os nós, destramando os fios – “onde começamos nós e termina a influência de tantos?” (*Idem*, p. 36) – em busca das preciosidades. Desejo proclamar a importância do que as mulheres de minha vida semearam e semeiam em mim. Quero compartilhar um caminho feito de memórias de mulheres. Espero que outras me leiam e decidam soltar suas vozes comigo, que queiram se atrever a “cometer”⁶ suas *herstories*.

Referências:

BRUM, Eliane. **Meus Desacontecimentos**: a história de minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014.

DEL PICCHIA, Beatriz, BALIEIRO, Cristina. **O Feminino e o Sagrado**: mulheres na jornada do herói. São Paulo: Ágora, 2010.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

GROTOWSKI, Jerzy. **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski – 1959-1969**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LUFT, Lya. **Perdas e Ganhos**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de Memórias: Epistemologias Feministas nos Estudos das Artes da Cena. **Urdimento**, Florianópolis, v.3, n.33, p. 231-248, dez. 2018.

MORGAN, Robin. **Sisterhood is Powerful**. An anthology of writings from the women’s liberation movement. New York: Vintage Books, 1970.

⁶ Uso o verbo cometer aqui como a Robin Morgan utilizou em seu grupo feminista radical: “W.I.T.C.H. (um anagrama fluído da palavra bruxa: “Women Inspired to Commit Herstory”. [Mulheres Inspiradas a Cometer Herstory]” (MIRANDA, 2018, p. 233).

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se**. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SOUZA, Mayra Montenegro de. **Violetas**. Espetáculo de Teatro. Direção: Raquel Scotti Hirson. Assistente de direção: Eleonora Montenegro. Natal/João Pessoa: Amora Produções, 2016.

SOUZA, Mayra Montenegro de. A Voz em Violetas. **ILINX – Revista do Lume**, Campinas, v.1, n.12, p. 40-49, 2017.